



I CONGRESSO NACIONAL DE TURISMO

IV SECÇÃO

POUZADAS

TESE APRESENTADA POR FRANCISCO DE LIMA



LISBOA

1 9 5 6





I CONGRESSO NACIONAL DE TURISMO

IV SECÇÃO

POUZADAS

TESE APRESENTADA POR FRANCISCO DE LIMA



LISBOA

1 9 3 6

Ao tratar de uma excursão ou de uma viagem turística o ponto primordial, que preocupa o excursionista ou o turista, como melhor entenderem dever chamar-lhe, de recursos médios, é o do alojamento que lhe permita um repouso sem luxo, mas com conforto, e uma alimentação sábia e boa; e este conjunto sem grandes preocupações orçamentais.

O turismo generalizado, como arte, como hábito, ou como sport, não tem ainda um século de existência.

Dantes, havia os viajantes, espécie de exploradores, que á custa de inúmeras dificuldades visitavam certos países, e nos deixavam curiosas descrições interessantes, e muitas, com rara erudição.

De Portugal, visto que de Portugal se trata, e para não citar senão alguns exemplos relativamente modernos, e dos mais notáveis, temos as viagens de Jacques Murphy, as do Conde de Raczinski, nobre polaco, que estudou o nosso país e cujos livros são ainda o que de melhor temos no género, e, que nos descreve, a par do estudo, das riquezas artísticas e architectónicas, as dificuldades dos caminhos e o horrível e o inconveniente dos alojamentos. O turismo, tal como hoje se comprehende, e se desenvolveu, data da moderna evolução dos transportes.

Trouxe-lhe este facilidades basilares.

Foi inicialmente o desenvolvimento dos caminhos de ferro, com a sua velocidade e o seu conforto, a par da navegação a vapor, com o estabelecimento de magníficos paquetes, verdadeiros hotéis flutuantes, dotados de todas as comodidades, e muitos, de grande luxo.

Mas a generalização do turismo deve-se, incontestavelmente, á bicicleta, sendo preciso não esquecer a modelar organização, que dela resultou, o perfeitíssimo organismo que é o «Touring Club de France», que teve essa origem.

Em seguida, o automóvel, e, mais modernamente, a camioneta ou autocar, que permitiram á grande massa deslocar-se com rapidez, com comodidade e economia e atingir pontos não servidos pelo caminho de ferro, dando-lhe, sobretudo, uma qualidade muito apreciável da maioria dos turistas; a liberdade da organização do seu roteiro e o ineditismo.

E' preciso não esquecer que o turismo é uma ciência de detalhe, é uma ciência de psicologia.

E' preciso saber interessar o turista, prendê-lo ás belezas naturais, á riqueza monumental; saber também moderar as suas exigências com uma boa disposição. Nem todos os locais, nem todas as obras de arte interessam, da mesma forma, o excursionista.

Saber escolher as diversas, conforme a índole, o temperamento, a instrução, a classe do turista, é uma arte, mixto de diplomacia, de psicologia e de educação.

De todos é sabido que para alguns países como a Suíça, a Itália, o sul da França, principalmente, o turismo foi e é ainda, embora atenuado, pelas dificuldades actuais, uma importantíssima fonte de riqueza pública e particular, que tem lugar no orçamento do Estado.

Muito há que aprender entre nós, e que seguir, especialmente da notável organização Suíça, que tem, desde o Palace até á mais modesta hospedagem de aldeia, para o turista a pé, forma ainda muito praticada na Suíça e na Inglaterra.

O turismo é hoje uma força e uma riqueza. Convém portanto desenvolvê-lo e acarinhá-lo, entre nós como um dos valiosos elementos de prosperidade nacional, em um país que possui uma natureza variadíssima, um clima invejável e uma riqueza arquitectónica muito interessante.

Mas, para a maioria do público, quando se fala em turismo, vem logo a idéa dos grandes hotéis, de luxuosas instalações, enfim surge a palavra «Palace».

Ora é convicção minha, que, de momento, e para um país como o nosso, temos os Palaces suficientes.

O *Buçaco* obra do eminente estadista que foi Emygdio Navarro, encastado nessa maravilhosa Mata do Buçaco, que só ela serviria, se não houvesse outros motivos, para justificar a vantagem das ordens religiosas: lugar ideal de beleza, de conforto e de descanso, que tudo tem: posição, altitude moderada, águas magníficas, belezas, clima, conforto.

Vidago Palace Fruto da tenacidade e da fé de Teixeira de Sousa a que os devem associar os nomes do Conde de Caria e de J. Viana e que valorizou uma região, que sem elle nada seria.

Estoril Esforço titanico de um lutador de extraordinária tempera, que é Fausto de Figueiredo, colocado nessa região maravilhosa que bem se pode chamar, com toda a propriedade, a Riviera Portuguesa.

Curia Esforço de um homem completamente isolado: Alexandre de Almeida. Magnifica instalação comandando uma região excepcional sob o ponto de vista do turismo: Coimbra, Buçaco, Penacova, Figueira da Foz, Leiria, etc.

* * *

E, embora saindo do quadro deste trabalho, em virtude da sua localização na capital, é de inteira justiça citar o *Aviz Hotel* que bem se pode chamar um Palace, pela sua inexcelsa e perfeitissima instalação, e o *Avenida Palace*, que foi o precursor.

Estes Palaces, se assim lhes poderemos chamar, são os salões de visitas para os nossos hospedes mais illustres e para meia duzia de afortunados, e, pena é, que não sejam mais, que se podem permitir a vida ou o descanso em condições que a maioria não podem atingir.

Todos vivem difficilmente a não ser o Estoril cuja situação privilegiada foi admiravelmente prevista por Fausto de Figueiredo, facejando o mar, servido pelo melhor porto português, o de Lisboa, ladeando a capital, tendo as melhores e mais fáceis vias de acesso, tanto por mar como por terra.

Mas, como dissémos, essa classe de turismo, essas instalações que são indispensáveis, não interessam senão em deminuto número, não interessam a grande massa de turistas, de recursos mais escassos, e não interessam senão pontos muito restrictos do país.

Ora tem o país uma diversidade de admiráveis paisagens, de sitios históricos, de riqueza monumental, quasi desconhecida, que merecem e precisam de ser compreendidos na lista de excursões possiveis, e que não o foram até hoje, á mingua de instalações adequadas, á mingua do seu conhecimento e da sua propaganda.

Para não citar senão ao acaso:

Quem conhece por exemplo a região admirável do Suajo, verdadeira Suíça Portuguesa?

Quem conhece o maravilhoso Vale Alpestre, entalado entre Celerico de Basto, por Athey e Cerva com a sua lindissima ponte mediéval, o seu pelourinho tão primitivo, a sua pitoresca povoação de Limões, aonde se podem apreciar esplendidas natas que relembram Isigny e a Suíça, até ir desembocar no cruzamento de Ribeira de Pena, com o seu grandioso panorama, de onze planos de montanhas?

Mas, não há aonde ficar.

Assim acontece com a pitoresca e desconhecida região de Mogadouro. Vimos, até Miranda do Douro, terras cheias de panoramas grandiosos até ás colossais «Arribas» do Douro, que fazem relembrar o Canon do Colorado.

Mas, também, não há aonde ficar.

E se falarmos do Norte, outro tanto se pode dizer do centro e do Sul do país; ainda há pouco em uma excursão a Belmonte e Castelos de Sortelha e Sabugal, dificuldades de toda a espécie não só para a guarda mas até para a alimentação, tendo de recorrer á reserva alimentar que o automóvel transportava, no receio desta eventualidade.

Para o Alentejo e Algarve, tirante meia duzia de cidades e vilas impor-

tantes, o problema complica-se sobremodo, e, no verão, torna-se quasi impossivel.

Não temos uma instalação de montanha.

O Marão com as suas belezas naturais, os seus pontos de vista admiráveis, a sua formosa Campeã, não tem um abrigo, não tem sequer um local em que se possa almoçar, em que se possa ficar com um rudimento de conforto.

A Serra da Estrela, a nossa montanha de maior altitude, enferma do mesmo mal; em parte alguma da Serra há um guia conhecido, que possa acompanhar em um passeio, que tenha conhecimento do que há que ver, e como ver.

Uma excursão é obrigada, sempre, a retirar sobre bases distantes e in-confortáveis.

Torna-se portanto necessario suprir estas faltas graves, a que nos referimos sucintamente.

Para o turismo destas regiões somos de opinião que tem de ser lançado e desenvolvido um tipo de construção que não é o *Hotel*, que já impõe um numero de quartos avultado, instalações caras, pessoal já numeroso, etc.; organização incompativel para a maioria das pequenas terras de provincia. Deve ser um tipo de instalação mais simples e económico, de irrepreensivel limpeza, em que o excursionista, o turista, possa ficar, alimentar-se numa atmosfera de repouso, de conforto sóbrio, mas sobretudo economicamente.

Instalação para a grande massa, para o viajante mais modesto, para o empregado público, para o industrial que deseja conhecer o seu país e instruir-se, para o estudante. São instalações, que permitam gozar o fim de semana o «week-end», felizmente entrado nos nossos hábitos e que tantas vantagens traz, até sob o ponto de vista social e económico.

Essa instalação que não é nem o «Palace» nem o «Hotel» deve ter sempre o cunho *nacional e regionalista*, será o que batisaremos de:

A índole deste trabalho, forçosamente resumido, de forma a não fatigar os illustres congressistas, não permite apresentá-lo com todo o desenvolvimento, que lhe compete, e que estudámos.

Resumiremos portanto:

Finalidade Esta organização das «Pousadas» visa a resolver uma falta na nossa industria, ainda muito primitiva, do turismo e que se resume numa simples palavra: o conforto sóbrio e económico.

E' raro o local em que o viajante ou excursionista encontra um quarto aonde possa ficar, lavar-se *confortavelmente*, uma cadeira aonde possa repousar *confortavelmente*; e em muitas terras ainda, infelizmente encontra o quarto já habitado, uma sala de estar, aonde possa consultar sobre uma cómoda mesa, um guia de viagem, um mapa, enquanto lhe preparam uma refeição simples, mas bem apresentada, sobre uma toalha de linho grosso ou de estôpa, servida possivelmente em louça regional, com o vinho fresco num canjeirão de barro, etc.

Tipo de construção — Tanto quanto possivel *regional*.

Podendo, mas quasi sempre difficil, aproveitar construções antigas que tenham condições de adaptabilidade ás exigências actuais de conforto e de vida, sem lhes tirar o seu cunho ou as deformar.

No caso de construção nova, citaremos os tipos tão interessantes, por exemplo, do architecto Perfeito de Magalhães, que na sua exposição em 1933 apresentou projectos económicos de real interesse regional, os do illustre architecto Luis Benavente, cuja obra em Coimbra é notável embora em linhas modernas, as do consagrado architecto Raul Lino.

Instalação — A instalação tipo minimo deverá ter: 4 a 10 quartos.

Quarto de banho (junto á cozinha para reduzir ao minimo as canalizações); instalação económica com água quente e fria e um chuveiro.

1 ou 2 W. C., instalação moderna, junto do quarto de banho, mas dele independente.

Uma sala de estar, que nas instalações mais modestas servirá ao mesmo tempo de sala de refeições. Esta sala deverá ter uma lareira ou fogão para a época fria.

Uma sala de refeições (para as instalações maiores).

As instalações de cozinha, copa, rouparia e quartos de pessoal.

Uma garage ou recolha de automóveis, para o minimo de 3 carros, mas com cabines *separadas* e com boas chaves.

No caso de construção nova, prever sempre no projecto inicial o possivel aumento, sem perder a linha architectónica nem o aspecto de conjunto.

Mobiliário — O mais simples possivel; imitação de tipos portugueses regionais (de castanho ou imitação).

Uma cama com colchão de arame, roupas o mais simples mas de irrepreensível limpeza.

Cadeiras.

Uma arca ou cómoda.

Uma boa cadeira confortável de repouso.

Um lavatório e espelho.

Soalho encerado, 1 manteiro ou tapete regional, ao pé da cama.

Localização — Deverá atender-se sempre a que a «Pousada» é para ser freqüentada por pessoas, que viajam para descansar e que habitualmente vivem na cidade.

Deverá a localização atender portanto, a, tanto quanto possível, ser um pouco afastada da estrada, para evitar o ruído e poeira.

Igualmente, pelo mesmo motivo, convém não ser localizada nos aglomerados das povoações.

As que houver de ser construídas de novo, deverão ser em locais um pouco elevados, com bom panorama ou vista.

Preçário — E' um dos pontos mais delicados.

Tabela fixa, afixada, e tão baixa quanto possível, para a pensão e refeições avulsas.

Para evitar discussões prever, tanto quanto possível, todas as hipóteses e preços.

Como estas instalações infelizmente não estarão sempre ocupadas, e, atendendo a dificuldades de abastecimento, os preços não poderão ser tão baixos como seria para desejar.

Tipo de refeição — *Pequeno almoço* (7 para 9 horas)

Café ou chá com leite.

Pão e manteiga. Tanto quanto possível «pão regional», de que temos esplêndidos tipos (pão de ovelhinha, pão meado, pão de centeio, bôlos de milho amarelo).

Nas regiões em que o haja, «mel» de que existem hoje tipos excelentes.

Almôço (Meio dia para 1 hora).

Caldo ou sôpa.

Um prato de peixe (nem sempre é possível) bacalhau que tem a vantagem da sua conservação ou ovos.

Um prato de carne, caça ou aves, com legumes ou batatas, tanto quanto possível regional.

Fruta.

Vinho regional, bem escolhido.

Água de fontes garantidas pela sua pureza (existem na maioria por toda a provincia águas magnificas).

Jantar 7 para 8 horas.

O mesmo que o almoço tendo a mais:

Um prato de doces regionais ou queijo.

Fôra destas horas um suplemento que poderá ir até 20 %.

Deverá haver sempre, em depósito, conservas portuguesas, de peixe ou outras, que as próprias entidades productoras deveriam fornecer, ao mínimo preço possível, ou ter á consignação, fazendo-se nas «Pousadas» a sua propaganda intensiva, entre nacionais e estrangeiros.

Em resumo: refeições simples e sádias, tendo como base as seguintes recomendações, que actualmente são ainda bem precisas pela nossa provincia: manteiga sem ranço, vinho sem pique ou avinagrado, azeite sem gosto pronunciado e sem acidez.

Exploração — Poderá ser entregue a um casal que tenha qualidades idóneas; a mulher cozinhando e o homem ocupando-se do restante serviço com um ou mais auxiliares, raparigas ou filhos.

Esta exploração será feita sob a direcção e uma fiscalização muito activa da Comissão de Turismo e da Camara Municipal.

O pessoal vestirá *trajos regionais*.

Realização Financeira — E' o eixo do problema; é preciso partir do principio, bem definido e assente, que o turismo é uma fonte importantíssima de riqueza particular e pública, que pode ser aumentada consideravelmente. Para o Estado, representa ela um capítulo importantíssimo de receita, e, com o seu desenvolvimento, terá um acréscimo notável de rendimentos indirectos, no elevado direito que cobra sobre gasolinas e óleos, pneumáticos, imposto ferroviário, industrias locais, géneros consumidos, telefonemas, telegramas, correspondência, etc.

E' portanto o Estado directamente interessado no seu desenvolvimento. Indispensável é, portanto, que o capital necessário seja facilitado pelo Estado, a um juro muito baixo, e, podendo ser garantido pelas Camaras Municipais (directamente interessadas) e pelas Comissões de Turismo; ou a particulares que se abalancem a montar estas instalações.

Notas Finais — Muito resumidamente importa lembrar:

Sendo a «Pousada» uma instalação muito modesta e de recursos limitados é indispensável prevenir, para ter a certeza que não estará ocupada.

Portanto, tanto quanto possível, avisar com antecedência por telegrama ou postal para reservar instalações, de uma maneira bem clara, para dia e hora determinada.

Será portanto pôsto em uso um código telegráfico como por exemplo o excelente dos hotéis suíços que transcrevemos a título elucidativo e que poderá servir para tôdas as nossas instalações de turismo:

1 quarto com 1 cama	ALBA
1 quarto com 1 cama 2 pessoas	ALBADUO
1 quarto com 2 camas	ARAB
1 quarto com 3 camas	ABEC
2 quartos com 2 camas	BELAB
2 quartos com 3 camas	BIRAC
2 quartos com 4 camas	BONAD
3 quartos com 3 camas	CIROC
3 quartos com 4 camas	CARID
3 quartos com 5 camas	CALDE
3 quartos com 6 camas	CADUF
3 quartos com 7 camas	CASAG
4 quartos com 4 camas	DANID
4 quartos com 5 camas	DALME
4 quartos com 6 camas	DANOF
4 quartos com 7 camas	DALAG
4 quartos com 8 camas	DIRICH
4 quartos com 9 camas	DURBI
Estadia 1 noite	Pass
Vários dias	Stop
Contra ordem	Cancel

CHEGADA

Entre meia noite, 7 da manhã	GRANMATIN
Entre 7 e 12	MATIN
Entre 12 e 19	SERA
Entre 19 e 24	GRANSERA

Estas palavras do código podem ser acrescentadas ás de indicação de quarto, de modo a fazer uma palavra unica.

Os telegramas terão também o enderêço simplificado «Pousada» e o nome da localidade.

Sempre que a «Pousada» esteja em localidade, em que haja rede telefónica, deverá ter telefone, que é hoje indispensável, e em regime de Pôsto Público. Finalmente será também preciso atender a que a «Pousada» tem um caracter de *passagem* e não de *estadia*.

Não são montadas para uma permanência demorada.

Regulamentar-se-á portanto o número de dias, máximos de estadia, passados os quais o hospede anterior será forçado a sair, no caso de aparecerem outros que a queiram ocupar.

Enquanto ás refeições, é diferente o caso; poderão ser servidas para os hospedes de passagem durante todo o dia, e na medida dos recursos da terra e suas facilidades.

Como nota muito importante, as «Pousadas» não poderão ser utilizadas por doentes com enfermidades contagiosas, para os quais há instalações es-

peciais. Em tôdas as «Pousadas» haverá uma lista ou inventário das curiosidades locais: monumentos, igrejas, castelos, casas senhoriaes, paisagens, pontos de vista, romarias, feira, trajes regionais, doces, indústrias locais, termas ou águas afamadas mais próximas fábricas ou indústrias que possam ser visitadas, tomando a «Pousada» como base, locais de pesca ou de caça. Convém editar uma pequena brochura, indicando a altitude, a temperatura média e o inventário acima indicado, brochura que será distribuída a todo o excursionista, pedindo-lhe o favor de a passar a pessoas, que a possam apreciar e não deitar fóra.

A «Pousada» terá como *fonte de receita suplementar* mas que costuma ser importante:

Postais ilustrados da região: artísticos e bem apresentados, exclusivos da «Pousada» ou edições do Turismo local. Convém destacar neste artigo os magníficos trabalhos regionais de Marques de Abreu e Alvão.

Pequena industria local — Cestos, louças, trabalhos em madeira, etc.

Doces regionais — De que temos magníficos e uma grande profusão de tipos.

Trabalhos em linho — *E tapetes* — *Rendas, Panos, etc.* — De que há esplêndidas produções regionais, muito apreciadas especialmente pelos estrangeiros.

*

* *

Em tôdas as «Pousadas» haverá igualmente um *livro de sugestões* em que se pedirá ao turista para, de uma maneira correcta e sensata, deixar, quando o entender, as suas impressões e as suas sugestões, que contribuam para se ir aperfeiçoando as instalações. Estas impressões ou sugestões serão sempre assinadas e com a direcção do signatário, para o caso de ser preciso corresponder.

Tôda a despesa será lançada em livro de talões, datados, de que o viajante receberá uma fôlha, ficando o original para o serviço interno da «Pousada» e para organização de estatísticas, etc.

E, em contraposição, será preciso também educar o público a não estragar as instalações, a não rasgar as revistas ou jornais, os guias de caminho de ferro.

Mais ainda, a não os levar, a não pintar bigodes nas gravuras ou escrever incorrecções nas paredes, porque infelizmente ainda há de tudo.

E finalmente a deixar tudo irrepreensivelmente limpo e bem cuidado como se estivesse em uma casa particular.

*

* *

Tem esta modesta tese, propriamente não conclusões, mas, antes *aspirações*, e oxalá elas rapidamente se possam efectivar, como já em Espanha se começou.

- 1.º — Considerando que o turismo é uma fonte incontestável de receita, de alto valor para o país e para o Estado, como origem de riqueza, e que pode atingir importâncias avultadíssimas, como sucede em vários países;
- 2.º — Considerando que o nosso país, pela sua situação geográfica privilegiada, pelas suas belezas naturais, pela sua riqueza monumental e architectónica, tem condições excepcionais para o desenvolvimento do turismo;
- 3.º — Considerando que esse desenvolvimento deve ser gradual, mas generalizado a todo o país, e não se limitar aos grandes centros e arredores, mas que incontestavelmente a maioria do país tem condições para o seu desenvolvimento;

Propomos:

- 1.º — Serão criadas nas povoações, que demonstrem terem con-

dições idóneas, instalações de turismo, com as características indicadas e denominadas «Pousadas».

- 2.º — Quando fôr necessário, o Estado concederá os empréstimos necessários, por intermédio da Caixa Geral de Crédito ou outra entidade financeira, e nas condições mais favoráveis de taxa e amortização, indispensáveis para o estabelecimento das ditas «Pousadas».

Lavadores — Vila Nova de Gaia, 25 de Novembro de 1935.

Francisco de Lima

SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA
Rua do Século, 59—LISBOA

